

A gente quer comida, diversão e arte

ZULEIKA DE SOUZA



Renée: Há por parte do novo reitor vontade de retomar o Flaac, que deveria ser mais audacioso e instigante

O que a cultura tem a ver com o Movimento da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida? Esta pergunta é facilmente respondida por uma especialista, a professora Renée Gunzburger Simas, diretora da Casa da Cultura da América Latina da Universidade de Brasília e também secretária-executiva da comissão de cultura, cidadania e política que compõe o comitê regional do movimento. Segundo ela, a coleta de alimentos tem sido muito divulgada como um primeiro gesto emergencial de solidariedade. Mas é na reflexão sobre os tipos de ação que poderão acabar com a fome e a miséria e permitir o crescimento da atuação da sociedade que a Casa da Cultura tem proposto e conduzido o seu trabalho. Mesmo atuando com uma infra-estrutura precária, algumas iniciativas têm sido colocadas em prática como um curso de criatividade realizado no Núcleo de Extensão da UnB no Novo Gama. “Através da expressão nas linguagens plástica, teatral, musical e poética, esses jovens se sentem capazes de fazer alguma coisa. E desenvolvem o conceito de que têm direito às ações culturais existentes na cidade, proporcionadas tanto pelo governo como por particulares”, explica Renée à repórter *Genoveva Ruisdias*. “O que se tem visto durante todo esse tempo é que a cultura não é realmente compreendida nem priorizada como se tivesse de vir após todos os problemas resolvidos. Essa é uma colocação equivocada e é por isso que não conseguimos avançar”, afirma ela

O que a Casa da Cultura da América Latina tem feito nesses últimos anos?

Renée — A Casa da Cultura tem duas vertentes, uma que é mais visível, voltada para exposições temporárias, feitas sempre com uma parceria de países latino-americanos ou de algum outro parceiro que queira apresentar alguma mostra. É uma outra parte, que não é tão visível, de cursos e seminários, numa linha de ação mais contínua na procura da cultura, de pesquisar raízes, nessa idéia da cultura sempre em movimento, numa relação direta com a comunidade. Um seminário nacional sobre a violência realizado em 1991 já refletia bem e analisava as raízes do problema, que vimos explodir de uma maneira tão forte agora em 1993. Pode dar a impressão que não tem nada a ver com a cultura, mas cultura é isso, tem que estar presente no que está acontecendo e tentar passar essa reflexão para a comunidade e receber dela as informações que alimentam o próprio trabalho.

Como é que se faz a participação da comunidade neste trabalho?

Renée — Através dos núcleos de extensão da própria universidade no Paranoá, Novo Gama e Ceilândia, ou então no trato direto com as pessoas que trabalham nesses temas. O público acaba vindo, ou pela exposição ou pela temática de um dos seminários. No meio desse período houve o Flaac - Festival Latino-Americano de Arte e Cultura, um evento importante do ponto de vista conceitual, porque abrange todos os aspectos de fazeres culturais e é mais uma reflexão sobre a integração latino-americana.

A senhora participou de todos os festivais?

Renée — O primeiro Flaac aconteceu em 1987 e o segundo em 1989. O terceiro seria em 1991, uma época de grandes dificuldades econômicas, não só para a universidade, como também para os países que normalmente são envolvidos no festival. Participei do primeiro Flaac indiretamente porque foi feito um convite à Fundação Brasileira de Teatro, onde eu trabalhava na época. Abrigamos lá algumas oficinas de artes plásticas e os alunos do Dulci-

na participaram do festival, contando até como aulas. Durante o segundo festival, eu já estava aqui na Casa da Cultura, mas havia uma coordenação para o festival independente da própria casa. Logo depois vieram as dificuldades e o desmonte da parte cultural pelo Collor, o que impossibilitou realmente a retomada da idéia.

A senhora acredita que esta idéia deverá ser retomada agora?

Renée — Sim, porque a nova reitoria da universidade que deverá ser empossada em novembro está sinalizando uma vontade de retomar o festival latino-americano.

Haveria tempo para a realização deste festival ainda em 1993?

Renée — Agora seria impossível, porque tem que haver uma certa antecedência, tem toda uma programação e os parceiros. Acho que deve ser analisado inclusive o que se passou no segundo festival para quando se retomar o terceiro, fazê-lo de forma consistente e que a comunidade realmente participe dos eventos, o que é o mais importante. O caminho da nossa integração passa pela cultura e dificilmente se conseguirá alguma transformação ou mobilização da sociedade, se não passar pela cultura. E por ser uma universidade pública, o papel da universidade é de refletir os acontecimentos e tentar que toda a comunidade participe, independente de ser ou não um universitário.

Qual seria o modelo ideal do festival: maior ou mais ligado à universidade?

Renée — Tem que ter as medidas da possibilidade, ser audacioso, arrojado, pretender realmente mexer com as cabeças, proporcionar alguma coisa mais instigante, mas deve ter uma base que o sustente. Muitas vezes, eventos interessantes não foram vistos por não terem uma divulgação sólida.

E como tem se desenvolvido a atividade da Casa da Cultura na campanha contra a fome, a miséria e pela vida?

Renée — Existe o comitê regional do DF, existem comissões temáticas e nós representamos a comissão de cultura,

“A ação que está sendo mais divulgada é a da coleta de comida. Mas, o que é mais importante, além desse gesto emergencial, é a formação da cidadania”

cidadania e política. A ação que está sendo mais divulgada é a da coleta de alimentos. Mas, o que é mais importante, além desse primeiro gesto emergencial de solidariedade, é a formação da cidadania. E é por aí que a casa tem trabalhado. Tentamos atuar refletindo sobre ações necessárias e consistentes que permitam o crescimento da sociedade tanto na fiscalização das ações governamentais como propostas de geração de empregos e de trabalhos comunitários. É dentro desse gancho que se permeiam as ações da casa, onde estamos abrindo reuniões.

Quantas pessoas estão se reunindo?

Renée — Já tivemos cerca de 60 pessoas, mais e menos que esse número. Mas estamos sentindo que há uma dinâmica nisso e que a coisa está crescendo. Há sempre solicitações de mais informes, de formação de mais comitês, mais de um em cada cidade-satélite. O importante nesse contato é repassar a idéia de que cada comitê procure fazer as suas ações, fazer o mapeamento da região onde ele vai atuar, verificar as famílias necessitadas, as obras que abrigam crianças ou idosos, que já têm um trabalho e precisam de ajuda. O importante não é uma coordenação que venha com as soluções. Ela tem a sinalização do todo e procura esclarecer, dar informação para que as pessoas se estrutrem, não percam de vista a continuidade da ação.

E quais são as informações que o comitê passa nessa área de cultura?

Renée — Acabei de dar um curso de criatividade para jovens no Gama. Aí, pode-se perguntar: o que tem esse curso a ver com a ação da cidadania, com a cultura, com a causa da América Latina? Partimos do pressuposto que cultura é informação, é tudo que a comunidade tem e que pode ser resgatada e ampliada. O curso de criatividade parte disso, do que o povo é detentor de cultura e tem um potencial a ser estimulado. E que estimulado poderá se expressar como um direito que é o conceito da cidadania, de direitos e de deveres. Ao mesmo tempo, existem as ações temporárias com as exposições que trazem o público para olhar e uma continuidade da ação que procura transformar a Casa da Cultura em al-

guma coisa viva e pensante e não uma amostra de coisas paradas e mortas.

Como é o acervo da casa?

Renée — A casa tem dois acervos, um de peças artesanais que foram doadas através das embaixadas desde o primeiro Flaac e um outro, de artistas contemporâneos que têm sido doadas em cada exposição, dentro das possibilidades. Desta forma, temos trabalhos contemporâneos bem ricos como um desenho de Pablo Oliva, além de obras de Rubem Valentim, Lívio Abramo e Athos Bulcão.

A senhora tem tido resposta da comunidade em termos de integração com a cultura?

Renée — Acho que ela ainda é tímida. Tem muitas ações que não conseguimos colocar em prática e que achamos fundamentais para que a comunidade se apropriasse. Uma idéia que não conseguimos efetivar foi a *UnB na praça*. Uma vez por semana ou de 15 em 15 dias, colocar alguma ação na praça do Setor Comercial Sul como: a tecnologia, a saúde, a cultura.

Sua opinião sobre o atual estágio da cultura no País, agora com um novo ministro na área.

Renée — Com o novo ministro ainda não dá para saber. Mas, o que ele tem dito reforça o que se pensa e o que se anda fazendo na área cultural. O que tem se visto é que a cultura não é compreendida, nem priorizada. É como se a cultura tivesse que vir após todos os problemas resolvidos. E essa colocação é equivocada, pois enquanto a cultura não for considerada prioritária para a formação e desenvolvimento das demais áreas, não vamos sair dessa condição atual. Não é só uma questão de verbas, mas muito de compreensão e de ação.

“O caminho da nossa integração passa pela cultura e só se conseguirá alguma transformação ou mobilização da sociedade passando pela cultura. Nisso a universidade tem papel importante”

“A cultura não é compreendida, nem priorizada. É como se a cultura tivesse que vir após todos os problemas resolvidos. Essa é uma colocação equivocada. Não é só uma questão de verbas, mas de compreensão”